

>> *Temática Especial*

Por uma cartografia do meio fio: a alfabetização do olhar na pesquisa com jovens em situação de rua em Porto Alegre

Paulina dos Santos Gonçalves¹

Anderson Rosa Ferreira²

Resumo:

Os estudos acerca das juventudes contemporâneas indicam tanto a premência da garantia de direitos e da promoção dos sujeitos pelas políticas públicas, quanto o caráter plural das presenças juvenis. No intuito de problematizar a possibilidade de fruição juvenil na rua, este texto aponta para as potências da pesquisa com jovens a partir da rua. Sugere-se que o pesquisador-educador deambule e se deixe capturar pelas cenas e sujeitos na luta cotidiana pela existência como pessoas jovens. Do ponto de vista metodológico, foram utilizados os registros dos autores em diários de campo e em redes sociais como espaços para narrar as imagens do pensamento. Ela compõe um estudo maior, no qual se investiga como jovens em situação de rua constituem suportes ou apoios em relação à proteção social, mirando nos processos de individuação em Martucelli. Também são levados em conta autores que estudam as juventudes. Os resultados apresentados anunciam as possibilidades da pesquisa com juventudes na rua como exercícios de deambulação, físicas e virtuais, e posicionamento.

Palavras-chave:

Condição juvenil. Situação de rua. Suportes. Trabalho. Sociabilidades.

For a cartography of the sidewalk: the literacy of the look in research with young people in street situation in Porto Alegre

Abstract: *Studies about the young contemporary indicate the urgency of guaranteeing rights and the promotion of subjects by public policies, as well as the plural character of youth presence. In order to problematize the possibility of youth enjoyment on the street, this text points to the potential of research with young people in a street situation. It is suggested that the researcher-educator wander and let himself be captured by the scenes and subjects in the daily struggle for existence as young people. From the methodological point of view, it was used the authors' records in field diaries and*

1 Mestranda em Educação na Linha de pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: paulinasantgo@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-7154-6367>.

2 Graduando em Políticas Públicas. Ativista do Movimento Nacional dos Moradores de Rua MNPR. Jornalista do *Boca de Rua*. E-mail: ronaldosilvabrazil1977@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-7154-6367>.

social media, were used as spaces to narrate the images of thought. It is part of a larger study, which investigated how young people on the street build basis and support in relation to social protection, focusing on the processes of individualization in Martucelli. Authors who study youth are also taken into account. The results presented announce the possibilities of research with youths street people, such as exercises of habitation, physical and virtual, and positioning.

Keywords: Youth condition. Street situation. Supports. Job. Sociabilities.

Por una cartografía de la orilla de la calle: la alfabetización de la mirada en la investigación con jóvenes que viven en las calles de Porto Alegre

Resumen: *Las investigaciones sobre las juventudes en la contemporaneidad apuntan la preeminencia de la aseveración de derechos y de la promoción de los sujetos por las políticas públicas, igual que apuntan los estudios, el perfil plural de las presencias juveniles en este contexto. En el intento de problematizar la posibilidad de ocupación viva de la juventud en la calle, este artículo propone pensar las posibilidades presentes en la investigación con jóvenes desde la calle. El espacio donde el investigador-educador, camina y vive, permitiendo afectarse por las escenas y sujetos en la lucha cotidiana por la existencia como personas jóvenes. En la metodología, los autores han utilizado sus propios registros de campo y de sus mismas redes sociales como fuentes para narrar los imágenes del pensamiento. Este texto compone una investigación más larga, donde se pregunta cómo los jóvenes en situación de calle construyen soportes o apoyo con la red de protección social, basándose en los procesos de individuación en Martucelli. También se consultó a los autores que tratan de las juventudes. Los hallazgos presentados apuntan hacia las posibilidades que tienen las investigaciones con jóvenes en la calle como ejercicios de ocupaciones activas, físicas, virtuales y de ubicación.*

Palabras clave: Condición juvenil. Situación de calle. Soportes. Trabajo. Sociabilidades.

“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.”

Manoel de Barros

Introdução

O presente texto pretende sistematizar um conjunto de reflexões sobre a pesquisa e a educação não escolar com juventudes, no recorte da situação de rua. O objetivo é refletir sobre as educações presentes na cidade a partir dos corpos juvenis e seus movimentos. Como marcador de tempo, optamos pelo material produzido durante a pandemia. Associamos os percursos dos autores com a ideia do flunar (BENJAMIN, 2004), dialogando com relatos produzidos pelos autores e dispostos em diários de campo e publicações em redes sociais, considerando que a rua pode se configurar como produtora de aprendizados entre a rualização e a rualogia.

A expressão “alfabetização do olhar” foi ouvida em entrevista concedida pelo Padre Julio Lancellotti (GSHOW, 2020), ao narrar que, por causa do uso de máscaras, no atendimento diário às pessoas em situação de rua durante a pandemia, estaria “aprendendo a ler seus olhares”, captando a dor, revolta, solidão, fome, tristeza e alegria, e sugerindo a hipótese que costura essa reflexão: a prática da educação não escolar, no contexto da rua, possibilita o aprendizado de habilidades, um letramento como educadores. Permitiria também um capital de conhecimentos para localizar as pessoas, suas territorialidades

e mesmo os detalhes indicativos do grupo etário, do gênero e da saúde, dentre outros marcadores: um caleidoscópio da cena urbana de uma capital. Olhos, ouvidos e até olfato, atentos para as histórias ditas ou inscritas em corpos, roupas, expressões e a forma de dispor do espaço da rua.

Dito isso, aproveitando os verbos da poesia de Manoel Barros (2010, p. 350) – ver, rever e transver – indicamos o desafio de alfabetizar o olhar para ver a rua e seus sujeitos. Desafio posto tanto para os fazeres da educação não escolar como na pesquisa com jovens. A escrita foi se tecendo nos diálogos entre dois pesquisadores da rua: de um lado, uma educadora social, negra, atualmente pesquisadora na academia; do outro, um educador popular, negro, ativista do Movimento Nacional dos Moradores de Rua (MNPR), jornalista do Jornal Boca de Rua¹ e acadêmico.

As análises aqui compartilhadas dialogam com o intento de compreender os suportes produzidos por jovens em suas experiências com a situação de rua na capital gaúcha. Interessa-nos identificar as redes de ação diversas e/ou articuladas aos dispositivos jurídico-sociais e a proteção social (GONÇALVES, 2020, p. 60), entender os saberes envolvidos nas formas juvenis de habitar a rua.

A educação não escolar, neste contexto, refere-se às práticas socioeducativas, vinculadas a espaços formais com marcadores institucionalmente legitimados, tais como: legislações, metas, tempos, princípios, obrigatoriedade, entre outros – embora com ausência de um currículo e espaços não formais ligados a práticas dos movimentos sociais e coletivos de ativistas (MOURA; ZUCHETTI, 2007).

Cabe sublinhar também que, no presente artigo, consideramos como jovens em situação de rua as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, cujos direitos estejam sendo violados e que utilizam logradouros públicos e áreas degradadas como espaço de moradia ou sobrevivência, de forma permanente e/ou intermitente. São sujeitos em condições de vulnerabilidade pessoal e/ou social por conta do rompimento ou fragilidade do cuidado e dos vínculos familiares e comunitários, prioritariamente em situação de pobreza e/ou pobreza extrema, com dificuldade de acesso às ou permanência nas políticas públicas. Tais indivíduos caracterizam-se por sua heterogeneidade em relação à orientação sexual, identidade de gênero, pertencimento étnico-racial, crenças religiosas, territórios, nacionalidade, posição política, deficiência, entre outros aspectos (BRASIL, 2017).

Destarte, as reflexões aqui tidas como imagens do pensamento dos autores seguem os verbos do citado poema de Manoel de Barros: o primeiro tópico destina-se a “ver” a categoria juventude e seus múltiplos aspectos, sem desconsiderar a especificidades dos jovens em situação de rua; o tópico seguinte é um convite a “rever” tais discussões a partir dos processos de formação dos autores como pesquisadores das juventudes nas ruas; enquanto o item posterior traz o desafio do “transver”, apontando para indicadores de práticas de escuta, levando em conta a “rualização” e a “rualogia”. Por fim, nas considerações finais, elaboramos algumas pistas para ofertas possíveis de proteção social em diálogo com suas presenças.

A juventude, seus múltiplos aspectos e especificidades

Assim como a infância, enquanto uma fase da vida distinta do adulto, é um conceito sociocultural e histórico que, ao menos no ocidente, só se consolida muito depois da idade média (ARIÈS, 1978), a juventude é um fenômeno que também passou por várias mudanças de entendimento ao longo do tempo. Mais especificamente, foi instituída em meio a uma nova concepção de relações trabalhistas, escola e família, o que evidencia sua pluralidade e seu caráter de construção social.

Do ponto de vista sociológico, a juventude é um conceito plural, relacional – como afirma Bourdieu, “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113) – e que não se limita a uma faixa etária (ABRAMO, 1994; CARRANO, 2009; PAIS, 2003).

1 O Boca de Rua é um jornal produzido coletivamente por pessoas em situação de rua, com apoio da ALICE – Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (BOCA DE RUA, 2019).

Nesse sentido, é importante situar que “juventude” é uma noção da modernidade, crucial para a compreensão do funcionamento e das transformações sociais modernas. Conforme Lima Filho (2014, p. 105), “autores como Hobsbawm (1997) e Morin (1999) já atentaram à emergência da juventude como um ator social específico em meados do século XX”, período em que “se consolidou a imagem de ‘juventude’ como um período de rebeldia, de transgressão”.

De um lado, há uma idealização da juventude como um produto disponível para ser consumido, uma estética e um modo de ser. Uma categoria simbólica dos dilemas contemporâneos, retrato projetivo da sociedade, condensadora de angústias, medos, esperanças, tendências sociais presentes e rumos futuros. Por outro lado, existe um desencantamento com as juventudes concretas, sobretudo negras² e pobres e/ou autoras de atos infracionais, evidenciados por suas performances, transformados em metáforas da violência e da ausência de futuro. No entanto, limitar os problemas sociais ao associá-los às violências e à criminalidade seria desresponsabilizar o mundo adulto, dada a complexidade dos fenômenos (CANETTI; MAHEIRIE, 2010).

Em relação ao lazer, sobram poucas alternativas além da prática de atos ilícitos e do consumo de drogas e bebidas alcoólicas, que constituem ambiente de violência restritivo ao lazer e outros acessos. Aspirando ao padrão de consumo vendido como bom, uma parcela dos jovens prova do pior com a privação da liberdade e a manutenção da subalternidade por pertencimentos de classe/raça, quando são inscritos como “desviantes” e, na busca por inclusão, reforçam os estigmas de exclusão. Neste sentido, é preciso atenção com o risco do relativismo e da estetização da violência, pela positividade/produtividade das classes subalternas e sem reconhecimento da violência como mal. É necessária a defesa da diversidade, mas sem que se oculte a desigualdade social mascarada pelo entendimento do desviante/marginal como alternativa e não como fruto da falta de acesso a outras experiências (ABRAMOVAY, 2004; CANETTI; MAHEIRIE, 2010).

Segundo Dayrell e Carrano (2014), ainda que as situações experienciadas pelos jovens possam variar significativamente, algumas características são comuns à condição juvenil contemporânea. Dentre elas, destacam-se o apreço pela sociabilidade entre pares, o consumo e a produção de práticas culturais (especialmente artísticas e esportivas) e a ocupação do espaço público. Aqui, tecemos uma breve distinção, observando a necessidade de retratar a “situação juvenil” na rua em sua especificidade. Ou seja, a concretude das possibilidades de fruição em meio a contextos de extrema precariedade, frente a várias ofertas (virtuais), materializadas em serviços e bens. Neste sentido, as noções de moratória vital e social são elementos a problematizar na efetiva experiência da juventude.

Os conceitos de “moratória vital” e “moratória social”, em Margullis e Urresti (1996, p. 7), podem ser elucidativos para apoiar uma análise que articule a individuação e a condição juvenil na rua. Em relação à moratória vital, os citados autores afirmam que os jovens possuem um crédito vital por estarem em “um período da vida em que se está de posse de um excedente temporal, que entre os não jovens está mais reduzido”. De outra parte, a moratória social, ou seja, as condicionalidades de classe e gênero poderão potencializar ou inibir o uso de tal crédito vital.

A juventude estaria exposta a um “desgaste diferencial” segundo raça, gênero e classe social. Os aspectos socioculturais influiriam, pesando sobre as possibilidades de acesso a aparatos institucionais de proteção e promoção, incluindo-se aí as oportunidades de fruição cultural e sociabilidade entre pares, produção de identificações de ordem etária e a projeção de carreiras individuais e/ou coletivas.

Partindo do apontamento de Litichever (2016) para a circulação entre rua e instituições, aventamos como hipótese a existência de espaços de moratórias possíveis – vital e social – ligadas ao corpo, construídas nos espaços da rua e da transgressão, além das relações com o Estado. Nesse

2 Nessa perspectiva, inclusive, é fundamental destacar que os jovens negros continuam sendo as maiores vítimas de homicídios e mortes violentas no Brasil. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019), em 2017 mais da metade das vítimas de homicídio no país foram pessoas com idade entre 15 e 29 anos, dados que se agravam quando se leva em conta o perfil racial.

sentido, gangues e grupos de pares surgiriam como resposta coletiva às investidas (ou ausência de ações) estatais, como estratégias racionais aplicadas nas relações com o ambiente, na forma de organizações rivais, polícia, sistema político e mídia. Enfim, uma busca de inscrição/visibilidade a partir da ação violenta, como modo de alcançar objetivos presentes em outros agrupamentos.

Em nossa abordagem, ousaremos “rever” e “transver” questões acerca da pesquisa com as juventudes na perspectiva do meio fio. Escolhemos a imagem do meio fio como marcador físico do espaço urbano entre os prédios, espaço dos domiciliados e o asfalto, lugar dos veículos. E deste lugar, por vezes estreito, pensado para passagens e não para as permanências, habitado no limite da pobreza, por pessoas, inclusive, muito jovens.

Sobre rever imagens do pensamento – narrativas entre diários e Facebook³

Quando Benjamim amplia o flunar de Baudelaire para outros territórios além dos parisienses, afirma que “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIM, 1995, p. 73). O autor empreendeu caminhadas e passeios por diversas cidades e ambientes urbanos europeus como método de trabalho: as imagens de pensamento. Elas condensam tanto suas percepções, relatos e visões quanto análises investigadoras acerca da atmosfera intelectual de seu tempo.

De certa forma, a prática da educação não escolar⁴ com leitura permanente dos territórios e suas relações traz esta premissa: perder-se da lógica dos espaços delimitados, da cidade ordenada, para localizar as diferenças e contradições. Despertou interesse a forma como Benjamin utilizou tal procedimento para ler a vida urbana em diferentes cidades. Assim, relacionamos as reflexões benjaminianas com dois registros, dos diários de campo e das postagens:

Hoje eu fui em um mercado comprar pão. O mercado estava lotado! Fiquei pensando crise pra quem? O incrível eh que há 20 anos atrás essa rede de mercados não contratava pessoas negras, mas o que eu vi foi pessoas negras fazendo o trabalho que as pessoas brancas não querem fazer que eh ser caixa, empacotador(a) e seguranças. E atrás, cuidando o serviço deles, só branco! Nas filas com carrinhos lotados de coisas que não vão consumir, vão jogar no lixo por incrível só tinha gente branca, dia 28 que crise!!! Ao sair do mercado vi duas juvenzinhas negras vendendo bala, eu tinha um real mesmo sabendo que vai me fazer muita falta depois comprei uma bala!! O meu critério sempre foi ajudar o mais vulnerável que eu! publicado em 27/01/2021. (FERREIRA, 2020).

O texto acima foi tecido como reflexão de algumas cenas registradas, imagens narradas pelo filtro do pensamento de dois pesquisadores da rua. Nossa perspectiva era de entender a rua, aqui tomada como cena da cidade, local de aprendizados e de disputa política. Desta forma, tanto o diário de campo quanto a postagem foram identificados como ferramentas que contribuem para “[...] conhecer as experiências da rua, em articulação com as situações juvenis produzidas, caracterizando as possibilidades ou restrições de fruição da juventude” (GONÇALVES, 2020, p. 60). Uma escrita em tempos de pandemia. Tempos onde foi “[...] preciso emergir da cotidianidade, ir a ela e torná-la objeto de reflexos teóricos, ir além dela” (FREIRE, 1984, p. 27). Cabe ressaltar as diferentes posições dos autores deste artigo em relação aos registros: um no privilégio do isolamento social, e o outro no cotidiano de trabalho informal nas ruas.

Eu tenho escutado a frase ‘tá ruim pra todo mundo!’ Será? Até porque as pessoas que dizem essa frase nunca tiveram sufoco como eu estive, não passaram dificuldades na vida. Simples-

3 Optamos por manter a grafia como foi publicada, mesmo que não siga padrões de ortografia vigentes.

4 Neste texto para abranger tanto a Educação Social de Rua, quanto a Educação Popular, bases das experiências dos autores.

mente agora estão ganhando um pouco menos de dinheiro, *eu não me lembro quando foi que não passei dificuldade na vida. Sempre passei sufoco!* Minha última Live foi sobre a eleição, agora senti a necessidade de continuar para poder pagar minhas contas. Então convidei [...] para uma conversa sobre crianças e adolescentes em situação de rua. Peço que assistam, contribuam e compartilhem. Muito OBRIGADO! Esta é uma página sem meritocracia. (FERREIRA, 2021, grifo nosso).

Nesta perspectiva, nossa narrativa se constitui a partir de certo olhar “intrusivo”, de um método sociológico e também comprometido com a obrigação de desvendar (PAIS, 2016, p. 28). A prática como educadores nos proporcionou, pois, um aprendizado que influencia a leitura de mundo e, por conseguinte, da pesquisa. Conforme Graciani (1999, p. 209) “[...] o Educador (Social) de Rua é um pesquisador, investigador; estuda, propõe, organiza, percebe, intervém, testa constantemente o seu referencial teórico”.

O educador social se constitui num pesquisador, pois pesquisar significa identificar, mapear sentidos e apresentar sistematizado registro público das pessoas e territórios. (DIÓGENES, 2008, p. 19).

Cena 2 - Na mesma rua, em outra praça, observei dois homens jovens jogando bola. Eles estão dormindo nas imediações, já os via pedindo na sinaleira. Nestes dias de confinamento para uns, medo para todos, a vida segue, triste e desigual e desafiadora. Ter tempo para uma pelada na rotina de um domingo me fez *refletir sobre forma de existir jovem na rua, assim suporte como a capacidade de brincar com outro, de usar a rua não só como sobrevivência, mas como momentos de sociabilidade, ludicidade aludida aos jovens em diferentes estratos sociais.* (GONÇALVES, 2020, grifo nosso).

Agregamos estas imagens como breves notas e registros dos achados, das ideias para a construção do projeto de pesquisa, anotados num caderninho ou gravados no celular e depois transcritos em diálogo com as falas potentes de um Boca de Rua. Vistos em conjunto, constituíram-se como narração da movimentação no campo da rua por parte dos autores, das cenas e dos pensamentos a partir de interações com os sujeitos da pesquisa, pela via da observação ou fortuitos encontros ocorridos nos deslocamentos habituais, não obstante as restrições e incertezas de uma etnografia em plena crise sanitária mundial.

No caso dos diários, os relatos foram organizados cronologicamente e ainda com o cuidado de separar as atividades de negociação com o campo, especialmente as organizações sociais e órgãos públicos das observações e aproximação com os jovens. Ainda sobre os diários, a escrita sistemática desafiou a descrição de ações aparentemente triviais como narrativas dos caminhos que o pensamento tomou ao olhar e ouvir os jovens em situação de rua. Como indicador a noção da rua enquanto lugar para pensar os sujeitos juvenis, a trilha conhecida da teoria social crítica ganhou novas lentes.

‘Me apóia?’ Fui abordada por um jovem, branco, na casa dos 20 anos. Pediu se caso eu morasse perto, se lhe ‘apoiava num café.’ Disse estar com fome. Perguntei por seu nome e disse o meu. Perguntei se ele sabia onde distribuíam comida. Falou que agora estava na zona norte. Mas sabia dos pontos e horários de distribuição na região, feitos por grupos voluntários. Onde havia gente dando ‘rango’. Disse que queria voltar para SC, que lá era melhor, as pessoas eram mais solidárias. Aqui tem muita humilhação. Detalhe, ele não é de lá, mas tem este plano. Muito educado, aspecto de que está na rua há dias, troca de roupa, (disse que às vezes consegue num ‘abrigo de menores’, mas não queria prejudicar quem o estava apoiando), mas não consegue tomar banho, visível pela cor das pernas. Estava mancando. E o desconforto do calor destes dias. Perguntei se conhecia a instituição que faz abordagem no Centro. Disse que sim, mas que sempre querem internar ele, pois tem depressão. Depressão que vem dos maus tratos que sofre. Disse que sempre querem internar ele, fica amarrado, medicado. Quando retornei alcancei alguns pães. [...] *Questão de estudo: suportes como possibilidades construídas pelo indivíduo com a materialidade possível da vida social.* (GONÇALVES, 2020, grifo nosso).

Rever os diários e as postagens permitiu-nos verificar para além dos registros da rua, um indicador das habilidades (na falta de outra expressão) incorporadas ao longo da experiência como educadores, que são também conhecimentos do fazer da pesquisa. Como Freire orienta, elaborar questões para “[...] Perguntar ao menino e a si mesmo” (FREIRE, 1994, p. 28).

Dia 29/10/2020 - Reencontrei a T em outro dia, depois do último encontro; via que estava assustada, com a amiga D, falando que o atual companheiro estava surtado, acusando ela de ter uma escuta no corpo. Já havia localizado sua Irmã e estava indo para lá. Depois disso não havia mais visto. Neste dia vi vários moradores descendo o morro, creio ter um ponto de tráfico numa rua próxima, pelos movimentos que vejo entre deles. E vi a D, sempre com unhas impecáveis (comentei com ela outro dia que a unha era bonita, e ela me falou sorrindo, que era da AVON, que comprara com um batom). (Notadamente um elemento interessante da possibilidade juvenil – consumo marginal, restrito). D falou que era da zona Norte, que ficou num abrigo. Mas voltando a T, agora estava pedindo alimentos e fraldas para ajudar a irmã, que também tem filhos pequenos. Ela está se protegendo na verdade de ter no momento do parto, a filha ir para um abrigo. *O que me chamou a atenção, foi que ao me verem seus amigos disseram – olha a madrinha – categoria que eu já ouvira de outros, ao se dirigirem a mulheres mais velhas, com quem já tem algum vínculo ou que pretendem estabelecer, indicativo da filiação simbólica, como suporte possível. Uma possível resposta de como sou vista no campo. Uma categoria a ser explorada.* (GONÇALVES, 2020, grifo nosso).

Segundo Bonafé (2010), a cidade se constitui num currículo, que habita e é habitado pelos sujeitos. Desse modo, interessa que conteúdos acerca de si e do mundo produzem a situação de rua dos jovens e são por eles produzidos. Este autor configura a cidade como carne e pedra em mútua constituição. Pensando na situação de rua, a constituição da carne jovem no meio fio, que pode alimentar sua liberdade ou sua submissão, de forma antagônica ou complementar. Seguindo, escolhemos, dentre as variadas possibilidades de pensar a cidade, a cognição e o político na situação de rua, privilegiando o olhar, com as lentes cambiantes; enfim, transver.

Para transver

Como já enunciado, nos desafiamos ao exercício de “transver” a cidade de um lugar específico – o meio fio, como metáfora do percurso metodológico percorrido e das possibilidades de acesso aos jovens em situação de rua, palco de aprendizagens sobre si e o mundo, como indicava Freire (1994).

Pedindo presente – [...] O encontro de hoje foi um menino, pardo. Vi que ele estava em deslocamento e pedindo. Sem máscara, de chinelo e bermuda num dia chuvoso. Mas roupas limpas. Ele se aproximou sorrindo e dizendo que estava de aniversário e puxou do bolso uma cópia de certidão de nascimento, comprovando o que dizia. Estava pedindo dinheiro para comprar balas e revender como presente de aniversário. Pedido menos usual. Pensei como ele naquela situação se valia da condição juvenil para sensibilizar os passantes e o uso do discurso do trabalho (*lembrei do famoso jargão da rua: podia estar roubando, podia estar matando, mas estou humildemente ofertando – produto – para ajudar no sustento da família, discurso com algumas variações, ouvido no RS e CE*). (GONÇALVES, 2020, grifo nosso).

Esse episódio nos remeteu à seguinte afirmação de Bonafé (2014, p. 1):

A questão é: quem escreve o texto na cidade? Minha hipótese é que hoje o texto da cidade é a pedagogia do capitalismo, mas há também outras linguagens, outros significados, outras práticas sociais que têm a ver com os movimentos sociais e com um currículo contra-hegemônico.

Assim, aprender a rua como a cidade habitada por meninos e meninas demanda a contextualização de dois conceitos importantes: um deles é a rualização⁵. Este termo identifica fatores na produção da Pessoa em Situação de Rua (PSR), como a sobrevivência, a moradia e o referencial identitário pessoal nas ruas, consequência do sistema vigente, a partir de múltiplos condicionantes, incluindo-se a esfera doméstica e as relações primárias. Trata-se do processo de adaptação, de sobrevivência dos sujeitos juvenis nas ruas, fator de vitimização destes e uma das manifestações da questão social na sociedade capitalista, conforme sustentam os autores Gadotti, Graciani, França e Nunes. E coincidindo, neste sentido, na identificação da situação de rua como locus de violações de direitos (GONÇALVES, 2020b, p. 14).

Por outro lado, o conceito de rualogia, verbete atribuído a Carlos Henrique, do MNPR- RS, e referenciado em notícias e pesquisas sobre PSR nos últimos anos (GODOY, 2019; MUSSKOPF, 2018), revela o conjunto de saberes das pessoas em situação de rua. Dessa forma, para a leitura da rua faz-se necessário entender que existem corpos e juventudes confinadas no meio fio por diferentes processos de rualização, e mesmo no constrangido espaço também exercitam uma rualogia. Por conseguinte, um canteiro de flores pode se transformar no lugar de abrigo; a calçada, numa cama; o contêiner do lixo, gôndola de mercado, restaurante e até boutique. Aquilo que procuramos nas vitrines ou seções de um supermercado, a população de rua encontra naquelas lixeiras.

Considerações finais

Diante do apreendido e lido nas entrelinhas das calçadas, constatamos que os jovens em situação de rua demonstram que a rua é como laboratório da vida urbana. Um dos achados, que ousadamente chamamos de “pedagogia do meio fio”, foi assimilar através das cenas apreendidas, as possibilidades da relação da situação de rua como aprendizado. Não só trocar as lentes, mas alfabetizar o olhar para transver o mundo.

Neste sentido, reivindicamos transver o mundo na ótica dos corpos e existências juvenis confinadas na situação de rua. Um convite a enxergar, a ouvir mais que escutar, olhar para além da cena urbana. Transpassar o estigma do binômio vítima/algoz para mirar em suas potências e vulnerabilidades de seres humanos em desenvolvimento. Encerramos com o seguinte desafio:

Esse ano eu já participei de alguns processos seletivos pra educador social em instituições que atendem a população de rua em Porto Alegre, nessas chamadas parcerizações, enfim, o retorno que recebi de uma delas foi que a coordenação da abordagem social no território junto com a coordenação da proteção da FASC, justificou minha não contratação por eu ser militante do MNPR-RS sendo que provocaria um tumulto no serviço por saber como deve ser o trabalho!! De outra instituição recebi o retorno que eles não contratam quem já foi atendido pela rede de assistência, outra respondeu que por eu ter morado na rua teria que ter cadeado no armário dos funcionários!!!!

O RS precisa avançar nisso, de SC para cima todos os serviços públicos que atendem a Pop Rua acolhe a Pop Rua como trabalhador o que qualifica o serviço, é preciso avançar nisso temos que cobrar isso!! E os trabalhadores dos serviços tem que entender também a importância disso porque se não nós que temos trajetória de rua vamos sempre ficar no status de atendido!! Nunca vamos ser vistos como trabalhador!!!! Será que só servimos pra limpar banheiro e catar latinha! Que não temos capacidade de produzir nada! As instituições, os trabalhadores que atendem essa população deveriam incentivar isso e aproveitar esse imenso conhecimento e incentivar essa autonomia, é triste saber que essa meritocracia tá empregnada no RS!!! Quem melhor que nós pra saber como acolher os nossos!!!! (FERREIRA, 2020).

5 Também, ou ainda “rualizar”.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no cenário urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, Miriam et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010, 350 p.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995. Obras escolhidas, v. 2, p. 73-142 p.
- BOCA DE RUA. *Editorial*, n. 70, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/sobre-nos/>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- BONAFÉ, Jaume Martinez. A cidade como currículo: pesquisador espanhol desafia escola a olhar a rua. In: BASILIO, Ana Luiza. *Portal Aprendiz*. 12 nov. 2014. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/11/12/cidade-como-curriculo-pesquisador-espanhol-desafia-escola-olhar-rua/>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- BONAFÉ, Jaume Martinez. La ciudad en el Currículum y el Currículum en la ciudad. In: SACRISTÁN, Gimeno (ed.). *Saberes e incertidumbres sobre el currículum*. Madrid, España: Morata, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, 113 p.
- BRASIL. *Diretrizes Nacionais para o Atendimento a Crianças e Adolescentes em Situação de Rua*. Brasília, DF: Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2017.
- CANETTI, Ana Lúcia; MAHEIRIE, Kátia. Juventudes e violências: implicações éticas e políticas. *Fractal*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 573-590, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000900009>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- CARRANO, Paulo César R. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. Chile: *Diversia*, n. 1, p. 159-184, abr. 2009.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo (org.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- DIÓGENES, Gloria. *Os sete sentimentos capitais: exploração sexual comercial de crianças e adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2009.
- FERREIRA, Anderson Rosa. *Conversas sobre a cidade: um olhar a partir da População em Situação de Rua*. Disponível em: <https://web.facebook.com/cidadepoprua>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Educadores de Rua: uma abordagem crítica*. Projeto Alternativas de atendimento aos meninos de rua. Bogotá: UNICEF/SAS/FUNABEM, 1989. GONÇALVES, Paulina dos S. “Me apoia?”: a construção de suportes entre jovens em situação de rua e a proteção social. Projeto de Dissertação. 2020b.
- GONÇALVES, Paulina dos S. *Compilação de notas e diários*. Diários de campo. 2020a.
- GRACIANI, Maria Stela Silva. *Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida*. 5. ed. v. 4. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1999, 209 p.(Coleção Prospectiva).
- GSHOW. *Padre revela desafios de proteger população de rua na pandemia*: “Com as máscaras, aprendi a ler o olhar deles”. Rio de Janeiro, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/padre-revela-desafios-de-proteger-populacao-de-rua-na-pandemia-com-as-mascaras-aprendi-a-ler-o-olhar-deles.ghml>. Acesso em: 18 dez. 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Atlas da violência*. Brasília, DF; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.
- LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 103-118, jan./jun. 2014.
- LITICHEVER, Cecilia. Entre la calle, la escuela, y las instituciones: trayectorias institucionales de jóvenes. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, v. 14, n. 1, p. 177-190, 2016. Disponível em: www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v14n1/v14n1a12.pdf. Acesso em: 03 nov. 2019.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, Mario (org.). *La juventud es Más Que una Palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30. Disponível em https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/mario_margulis-la-juventud-es-mas-que-una-palabra.pdf. Acesso em 27. Dez. 2019

PAIS, José Machado. *Nos rastros da Solidão*: deambulações sociológicas. 3. ed. Berlim: Edições Machado, 2016. 28 p.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2003.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza; MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. Educação não escolar e universidade: necessárias interlocuções para novas questões. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, Caxambu. GT 6: Educação Popular. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2007. Disponível em: <http://anped.org.br/biblioteca/item/educacao-nao-escolar-e-universidade-necessarias-interlocucoes-para-novas-questoes>. Acesso em: 31 jan. 2021.

Data de submissão: 31/01/2021

Data de aceite: 20/02/2021